TRADUÇÕES DOS PROVÉRBIOS DE SANCHO PANÇA

Silvia Cobelo*

RESUMO: O presente estudo da obra de Cervantes, *Dom Quixote,* tem o objetivo de analisar as várias traduções, para a língua portuguesa, dos provérbios utilizados pela personagem Sancho Pança. O trabalho encaixa-se na perspectiva de tradução comparada e, para fins expositivos, foi selecionado o capítulo XXV da primeira parte da obra, mais especificamente, o momento em que o escudeiro de Dom Quixote utiliza uma série de provérbios enunciados em seqüência, sem relação semântica explícita com a situação narrativa. Analisamos, por cotejo, as traduções dos referidos provérbios presentes em seis traduções da obra de Cervantes, publicadas no Brasil. A análise das diversas soluções propostas nas traduções levará em conta as múltiplas dificuldades que surgem ao se traduzir marcas culturais as quais exigem, por parte do tradutor, o conhecimento da situação e do contexto gerador. Chegamos, ao final, ao *idioleto*, que seria o estilo de cada tradutor. Este estudo insere-se, portanto, na linha da tradução e paremiologia, com um enfoque comparativo, partindo de um *corpus* espanhol/português, português/português.

UNITERMOS: provérbio; Cervantes; Quixote; paremiologia; tradutologia.

* Mestranda na área de Língua e Literatura Espanhola e Hispano-Americana no Depto. de Letras Modernas – FFLCH – USP

ABSTRACT: The current study of Cervantes´work, Don Quixote, *has, as objective to analyze the several translations into Portuguese, the proverbs used by the character Sancho Pança. This work fits in the perspective of comparative translation. The chapter XXV from the first part was selected, more specifically the moment where Don Quixote squire uses a series of proverbs said in a sequence, without an explicit semantic relation with the narrative. We analyzed by comparison, the referred proverbs translation, at the six translations of Cervantes´ book published in Brazil. The analysis of the numerous solutions proposed in the translation will consider the multiple difficulties that appear when we translate cultural marks which require, from the translator, knowledge from the situation and the surrounding ambiance. We end by finding the* idiolect, *which is the style of each translator. This work is part of translations studies and paremiology, with a comparative focus, starting from a Spanish/Portuguese, Portuguese/ Portuguese corpus.*

KEY WORDS: proverb; Cervantes; Quixote; paremiology; traductology.

Introdução

O presente estudo sobre o *Quixote*, de Miguel de Cervantes, se insere no campo dos estudos tradutológicos. Por meio de uma perspectiva comparativa/contrastiva; pretende-se analisar as diversas soluções dadas em língua portuguesa aos inúmeros provérbios que aparecem no *Quixote*, proferidos, sobretudo, por Sancho Pança. Optamos pelo estudo comparado do capítulo XXV da primeira parte; episódio privilegiado na medida em que vários provérbios são enfileirados na fala do escudeiro.

Sancho Proverbial

Sabemos das muitas dificuldades que surgem ao se traduzir marcas culturais, uma vez que tal prática exige, mais do que em outros enunciados, o conhecimento do contexto gerador (Sanchez, 1987:45). O próprio nome *"Sancho"* está relacionado a provérbios: ele é o camponês, o representante do povo espanhol. Ao discorrer sobre a fala de Sancho, Angel Rosenblat (Rosenblat, 1995:35) conta que um viajante, ao visitar a Espanha, teria dito: "*los españoles gustan expresarse en dichos y refranes cortos y llenos de agudeza e intención".* Sancho não poderia falar de outra forma. Essa propriedade da linguagem de Sancho consolida-se com sua pessoa, segundo ele mesmo: *"No tengo caudal alguno, sino refranes y más refranes" (DQ II, XLII).* Desse modo, Rosenblat mostra como Sancho, com freqüência, modifica os provérbios e os acomoda às circunstâncias; no entanto, o que mais colabora para sua imagem pitoresca é a acumulação indiscriminada dos provérbios e sentenças populares ditas numa ladainha, como uma verdadeira "enxurrada" que, por sua vez, produz efeitos cômicos notáveis.

Márquez de Villanueva (Villanueva, 1973:28-29), retomando uma idéia de Menéndez Pidal, relaciona o nome Sancho com o que se conhece como rústico no refraneiro espanhol. Na literatura popular e numa das continuações da *Celestina* aparece *"Allá va Sancho con su rocino"*; na *Segunda Celestina* temos *"Con lo que Sancho adolece Domingo y Martín sana"* e *"No ganará contigo la dehesa, Sancha la Bermeja".* Além desses, na *Comedia Thebayda* aparecem *"Topado ha Sancho con su rocín"* e "*Al buen callar llaman Sancho, al bueno, bueno, Sancho Martinez".* Maurice Molho (Molho, 1976:149) cita mais alguns [...]: *"Topado ha Sancho con la horma de su zapato"* e "*Revienta Sancho de hidalgo".* Martin de Riquer, (Riquer, 1969:60), por sua vez, acredita que Cervantes possa ter escolhido o nome do escudeiro por um modismo da época: *"Alla va Sancho con su rocino",* referindo-se a duas pessoas que andam sempre juntas.

Tradução de provérbios e "idioleto"

Sendo uma obra clássica da literatura universal, *Quixote* contou com várias traduções para o português, tanto em Portugal como no Brasil. Cada uma dessas edições tratou os provérbios de maneira distinta, dando sua própria versão a cada um deles. A pequena análise ensaiada aqui mostra um grande campo de estudo. Mas, assumindo o papel de "sondas" do texto integral, vamos cotejar apenas as principais edições em português, lidas no Brasil.

Ao analisar, comparativamente, como foram traduzidos esses provérbios, quais as soluções encontradas para cada caso, tratamos de encontrar uma unidade lógica para cada tradutor, seu "idioleto". Os provérbios são analisados dentro da perspectiva da teoria de modalidades de tradução, revista por Francis Aubert (Aubert, 2006:5-10), que supõe as alternativas de Literalidade e Equivalência. A Literalidade ocorre quando temos *uma certa sinonímia interlinguística e intercultural no contexto dado*. Subdivide-se em Transcrição, Palavra por Palavra, Transposição e Explicitação. Já a Equivalência engloba as modalidades que são uma *reescrita interpretativa na ótica da cultura de recepção*. As subdivisões são: Implicitação, Modulação, Adaptação. Pelo exíguo espaço que temos, vamos nos deter nas modalidades Palavra por Palavra, Transposição, Modulação e Adaptação.

Na Tradução Palavra por Palavra observam-se as seguintes características: o mesmo número de palavras, na mesma ordem sintática, empregando as mesmas categorias gramaticais e contendo sinônimos interlingüísticos e interculturais. Classifica-se como Transposição, quando um ou mais critérios da tradução Palavra por Palavra não é satisfeito; quando temos, por exemplo, rearranjos morfossintáticos, ou quando ocorre alteração na ordem das palavras, ou ainda, quando aparece uma alteração de classe gramatical. Já Modulação é considerada uma marca da tradução literária; é quando aparecem os idiomatismos de expressão, as marcas culturais. Ocorre uma alteração perceptível na estrutura semântica, conservando-se o mesmo sentido no contexto. Por fim, na Adaptação acontece uma assimilação cultural com uma intersecção de sentidos, não havendo mais a procura de uma equivalência plena, especialmente quando te-

mos uma limitada equivalência cultural entre a língua de origem e a língua de chegada. Nesse caso, devemos também considerar uma diacronia na tradução, envolvendo três séculos (XIX, XX e XXI), assim como uma diacronia de quatrocentos anos em relação ao próprio original.

Para o presente trabalho utilizamos, como texto base em espanhol, a edição dirigida por Francisco Rico, da Editorial Crítica, Instituto Cervantes. Quanto às traduções, foram utilizadas as seguintes: a) Viscondes de Castilho e Azevedo, publicada pela primeira vez em 1876/78, Portugal. É até hoje a mais editada; b) Almir de Andrade e Milton Amado, publicada pela José Olympio, no Rio de Janeiro, em 1952; c) Aquilino Ribeiro, escritor português, edição publicada em São Paulo pela Difusão Européia do Livro, em 1953; d) Eugenio Amado, editada pela Itatiaia em 1983; e) Sérgio Molina, publicada pela Editora 34, em 2002; e f) Carlos Nougué e José Luis Sánchez, editadas pela Record, em 2005. Além dessas edições, será utilizada a dissertação de mestrado de Anna Sanchez (Sanchez, 1982:179-180), com traduções inéditas dos provérbios estudados.

Angel Rosenblat (Rosenblat, 1995:36) crê que Cervantes descobriu o recurso dos provérbios paulatinamente. Sancho diria seu primeiro provérbio no final do capítulo XIX da primeira parte, desbordando-se a seguir, no capítulo XXV. Fernando Carreter (Carreter, 2001:21) está de acordo sobre esse primeiro provérbio, e mostra como Cervantes vai se firmando pouco a pouco no uso dos mesmos, até chegar ao capítulo XXV da primeira parte, quando acontece a primeira longa sequência. Ressalte-se que isso só voltará a acontecer na segunda parte da obra.

Esse mesmo trecho do capítulo XXV, no qual Sancho enfileira provérbios, é parte do corpus da dissertação de mestrado de Anna Sanchez. O título do capítulo XXV, segundo a tradução dos Viscondes, é: "*Que trata das estranhas coisas que na Serra Morena sucederam ao valente cavaleiro de la Mancha, e a imitação que fez da penitência de Beltenebros".* Nesse capítulo, Dom Quixote resolve suspender sua busca de aventuras para fazer penitência, tal como Amadis, personagem famoso de livros de cavalaria, que adota o nome de Beltenebros ao retirar-se em penitência por amor à sua Oriana; também o motivam os desati-

nos, tal como aconteceu com Orlando Furioso, de Ariosto. Enfim, é um capítulo de muita importância, segundo Martin de Riquer (Riquer, 1970:89), pois é a única vez em que o cavaleiro identifica Dulcinéia como a lavradora Aldonza Lorenzo.

Dom Quixote escreve uma carta para sua amada; Sancho vai embora com Rocinante, enquanto seu amo dá cambalhotas seminu, para provar ao escudeiro que fazia loucuras por amor à Dulcinéia. O trecho estudado está logo no início desse capítulo. Sancho está feliz em poder falar novamente (ele havia sido interditado por seu amo), e conversa com dom Quixote sobre o que Cardenio, no capítulo anterior, havia dito sobre a Rainha Madásima (personagem do livro *Amadis de Gaula)*, sugerindo ser esta amancebada com mestre Elisabad, o qual, por sua vez, seria aio e acompanhante de Amadis, segundo nota de Francisco Rico. É nesse momento que Sancho e Dom Quixote terão o diálogo em que o escudeiro justapõe uma série de provérbios:

> *Ni yo lo digo ni lo pienso – respondió Sancho –. Allá se lo hayan, con su pan se lo coman: si fueron amancebados o no, a Dios habrán dado la cuenta. De mis viñas vengo, no sé nada, no soy amigo de saber vidas ajenas, que el que compra y miente, en su bolsa lo siente. Cuanto más, que desnudo nací, desnudo me hallo: ni pierdo ni gano. Mas que lo fuesen, ¿qué me va a mí? Y muchos piensan que hay tocinos, y no hay estacas. Mas ¿quién puede poner puertas al campo? Cuanto más que de Dios dijeron."*
> *¡Válame Dios – dijo don Quijote –, y qué de necedades vas, Sancho ensartando! ¿Qué va de lo que tratamos a los refranes que enhilas?*

Os grifos são nossos e apontam os provérbios que serão analisados a seguir.

Tabelas de Comparação das traduções:

Apresentamos a seguir, as legendas:

MC: Miguel de Cervantes; **CA**: Viscondes de Castilho e Azevedo; **AA**: Almir de Andrade e Milton Amado; **AR**: Aquilino Ribeiro; **EA**: Eugenio Amado; **SM**: Sérgio Molina; **NS:** Carlos Nougué e José Luis Sánchez; **AS**: Anna Sanchez; **NE:** Nota explicativa de **FR:** Francisco Rico (tradução livre da autora) **MT:** Modalidade de Tradução – *PP: Palavra por palavra; T: Transposição; M: Modulação; A: Adaptação*

Tab. 1

MC	*(1) Allá se lo hayan, con su pan se lo coman:*	MT
CA	os outros lá se avenham; e se meus caldos mexerem, tais os bebam.	A
AA	- eles que lá se avenham e com as suas linhas se cosam;	A
AR	Lá se avenham. Sua alma, sua palma.	A
EA	- eles que por lá se avenham, e que cada qual coma do seu próprio pão;	M
SM	- Eles lá que se amanhem e colham sua semeadura:	A
NS	- Eles lá que saibam as linhas com que se cosem,	A
AS	Eles que são brancos que se entendam;	A
NE	Indiferença com a qual tratamos assuntos alheios (AS)	

Tab. 2

MC	*(2) De mis viñas vengo, no sé nada,*	MT
CA	Não sei nada, das minhas vinhas venho.	T
AA	Venho das minhas vinhas; de nada sei;	T
AR	Não gosto de meter o nariz na vida alheia.	A
EA	De minhas vinhas cheguei, e de nada sei	T
SM	Eu sigo meu trilho, não sei de nada	M
NS	Eu sigo o meu caminho, não sei de nada,	M
AS	Das minhas vinhas venho, não sei de nada;	PP
NE	Não se importa com o que acontece com os outros. (FR) Desculpas de um mal feito, geralmente dito pelo culpado. (AS)	

Tab.3

MC	*(3) el que compra y miente, en su bolsa lo siente.*	MT
CA	Quem compra e mente na bolsa o sente;	T
AA	quem compra e mente, na sua bolsa o sente.	PP
AR	Quem compra e mente, na bolsa o sente.	T
EA	quem compra e mente, na sua bolsa é que sente.	T
SM	quem compra e mente, na bolsa o sente.	T
NS	quem mexe em vespeiro, picado sairá.	A
AS	quem compra e mente, na sua bolsa o sente.	PP
NE	Ostentação de falsa habilidade para os negócios. (AS)	

Tab.4

MC	*(4) desnudo nací, desnudo me hallo: ni pierdo ni gano.*	MT
CA	Nu vim ao mundo, e nu me vejo; nem perco nem ganho.	M
AA	nasci nu e nu me encontro; não perco nem ganho.	T
AR	Por mim tanto se me dá como se me deu.	A
EA	Pelado nasci e pelado me encontro; não perco nem ganho.	PP
SM	Nu nasci e nu estou: não perco nem ganho.	T
NS	Nu nasci, nu estou: não perco nem ganho.	T
AS	nasci nu, nu me encontro, não perco nem ganho:	T
NE	Não ambição e conformismo (AS) Procedência bíblica (FR)	

Tab.5

MC	*(5) muchos piensan que hay tocinos, y no hay estacas.*	MT
CA	Há muitos que pensam encontrar toicinhos e não há nem estacas;	T
AA	Muitos pensam que há toicinhos onde só há espetos.	M
AR	Não há dúvida, quase sempre são mais as vozes que as nozes.	A
EA	Muitos pensam que há toicinho onde não existe espeto.	M
SM	Pois às vezes são mais as vozes que as nozes.	A
NS	E nem tudo o que reluz é ouro.	A
AS	Muitos pensam que há toicinhos, e não há estacas;	PP
NE	Supor algo de alguém sem nenhum fundamento. (FR)	

Tab.6

MC	*(6) ¿quién puede poner puertas al campo?*	MT
CA	quem pode ter mão em línguas de praguentos,	A
AA	E quem pode por cobro às más línguas,	A
AR	Quem pode calar as bocas do mundo?!	A
EA	E quem pode colocar porteiras no campo?	T
SM	Mas quem pode pôr rédeas ao vento?	M
NS	Mas quem pode pôr travas ao vento?	M
AS	quem pode por portas ao campo?	PP
NE	Quem pode colocar limites à liberdade? (FR)	

Tab.7

MC	*(7) Cuanto más que de Dios dijeron.*	MT
CA	se nem Cristo se livrou delas?	A
AA	Depois do que disseram do próprio Deus?	M
AR	Pois não disseram mal de Cristo e mais era Deus?!	M
EA	Tanto mais, que até ao próprio Deus difamaram...	M
SM	Quanto mais que até Deus foi malfadado.	M
NS	Tanto mais que até de Deus murmuraram.	M
AS	Se até de Deus disseram, (com não falarão deles?)	M
NE	Desprezar a maledicência. (FR)	

Tab.8

Provérbios	PP	T	M	A	Total de Literalidade	Total de Equivalência
1	0	0	1	6	0	7
2	1	3	2	1	4	3
3	2	4	0	1	6	1
4	1	4	1	1	5	2
5	1	1	2	3	2	5
6	1	1	2	3	2	5
7	0	0	6	1	0	7
Total	6	14	14	15	20	29

O provérbio 1 é o mais adaptado, com o uso da palavra "avenham" nas primeiras quatro traduções. Nos provérbios 2, 3 e 4 temos mais ocorrência de Literalidade do que de Equivalência. Nos provérbios 3 e 4 e em parte do 5, quase todos os tradutores deram soluções semelhantes. As traduções dos provérbios 5, 6 e 7 denotam uma preferência pela Equivalência, sendo o 7 tratado por seis tradutores por Modulação com apenas uma Adaptação. Podemos observar também a maior freqüência de Equivalência, o que está de acordo com o esperado para um idiomatismo cultural, com a presença dos provérbios.

O quadro abaixo sintetiza os resultados da pesquisa sobre as modalidades de tradução utilizadas por cada tradutor.

Tradutor	PP	T	M	A	Total de Literalidade	Total de Equivalência
CA	0	3	1	3	3	4
AA	1	2	3	1	3	4
AR	0	1	1	5	1	6
EA	1	3	2	1	4	3
SM	0	2	3	2	2	5
NS	0	1	4	2	1	6
AS	4	1	1	1	5	2

Conclusão

As soluções dadas pelos diversos tradutores aos provérbios aqui em questão apresentam algumas variações. A distribuição das modalidades é um dos critérios para definir cada idioleto, ou o "idioma" de cada tradutor. As traduções dos Viscondes, de Almir de Andrade & Milton Amado e Eugênio Amado são equili-

bradas quanto às modalidade de tradução de Literalidade e Equivalência; no entanto, os Viscondes produzem somente uma Modulação e três Adaptações, exatamente o inverso das traduções de Almir de Andrade & Milton Amado. Eugenio Amado é o mais Literal deles, sendo o único (excetuando-se as traduções não publicadas de Anna Sanchez) a fazer tradução Palavra por Palavra (para tanto, veja-se o provérbio 3). Evidencia-se também uma grande similaridade nas escolhas de Almir de Andrade & Milton Amado e Eugenio Amado (vejam-se os provérbios 1, 2, 3, 4 e 5). Como esperado, o famoso escritor Aquilino Ribeiro mostrou uma acentuada escolha pela Adaptação, como podemos verificar nos provérbios 1, 2, 4, 5 (escolha também de Sérgio Molina) e 6. As duas traduções mais recentes, a de Sérgio Molina e Carlos Nougué e José Luis Sánchez, apresentam perfis parecidos, tendendo mais para a Equivalência do que para a Literalidade, e às vezes fazendo quase as mesmas escolhas (vejam-se os provérbios 2, 4 e 6). No caso da pesquisadora Anna Sanchez, as opções são quase todas com acentuada Literalidade, inclusive sendo praticamente a única a traduzir Palavra por Palavra (ver provérbios 2, 3, 5, 6). Mas, no caso desse texto, enfatizamos que não se trata de uma tradução comercializada ou publicada em outro formato que não o de dissertação de mestrado.

Concluímos ser o método adaptado por Francis para Modalidades de Tradução um bom instrumento para comparar as nuances entre um tradutor e outro, e para detectar estratégias para lidar com dificuldades como a tradução de um provérbio. É um recurso privilegiado para identificar traços significativos do idioleto de cada tradutor e as diferenças e semelhanças em suas escolhas em favor do difícil desafio de traduzir uma obra clássica como *Quixote*.

Referências Bibliográficas

AUBERT, Francis H. (2006) Em busca das refrações na literatura brasileira traduzida – revendo a ferramenta de análise. *Literatura e Sociedade*.

____ (2003) Traduzindo as diferenças extra-linguísticas – procedimentos e condicionantes. *TradTerm 9*. São Paulo: CITRAT/FFLCH-USP.

____ (1998) Modalidades de Tradução – Teoria e Resultados. *TradTerm, 5*. São Paulo: CITRAT/FFLCH-USP.

CARRETER, Fernando Lázaro (2001) *Estudio Preliminar – El Ingenioso Hidalgo Don Quijote de la Mancha*. Francisco Rico. Barcelona: Ed. Crítica.

CERVANTES SAAVEDRA, Miguel de (2001) *El Ingenioso Hidalgo Don Quijote de la Mancha*. Barcelona: Ed. Crítica. Edição por Francisco Rico.

____ (1952) *Dom Quixote de la Mancha*. Rio de Janeiro: José Olympio. Trad. de Almir de Andrade e Milton Amado.

____ (1963) *O Engenhoso Fidalgo Dom Quixote de la Mancha*. São Paulo: Difusão Européia do Livro. Trad. de Aquilino Ribeiro.

____ (1991) *Dom Quixote de la Mancha*. BH, RJ: Villa Rica Ed. Trad. de Eugenio Amado.

____ (1978) *Dom Quixote de la Mancha*. São Paulo: Abril Cultural. Tradução de Viscondes de Castilho e Azevedo.

____ (2002) *Dom Quixote de la Mancha*. São Paulo: Editora 34. Tradução de Sérgio Molina.

____ (2005) *O Engenhoso Fidalgo D. Quixote da Mancha*. Rio de Janeiro: Record. Trad. Carlos Nougué e José Luis Sánchez.

MOLHO, Maurice (1976) *Raíces Folkloricas de Cervantes*. Madrid: Ed. Gredos.

RIQUER, Martin de (1970) *Aproximación al Quijote*. Espanha: Salvat Editores.

ROSENBLAT, Ángel (1995) *La Lengua del "Quijote"*. Madrid: Ed. Gredos.

SANCHEZ, Anna (1982) *Os refrãos no Discurso de Sancho Pança: Um estudo Semântico*. Dissertação de mestrado. São Paulo: FFLCH, USP.

____ (1987) *Um Vocabulário Ideológico de Refrãos no Quixote*. Tese de doutorado. São Paulo: FFLCH, USP.

VILLANUEVA, Francisco Márquez de (1973) *Fuentes Literárias Cervantinas*. Madrid: Ed. Gredos.